

## **Nise da Silveira: um retrato**

*Elvia Bezerra*

"Para navegar contra a corrente são necessárias condições raras: espírito de aventura, coragem, perseverança e paixão."

Assim a médica alagoana Nise da Silveira classificou os atributos que marcaram a sua trajetória como psiquiatra que faria do Brasil, no século, o pioneiro na revolução mundial por que passou o tratamento dado ao doente mental.

Lideradas na Inglaterra por David Cooper e Ronald Laing, e na Itália por Franco Basaglia, na década de 1970, as mudanças propostas tinham como principal objetivo pôr abaixo a estrutura hospitalar instituída pela crueldade de uma psiquiatria carcerária. Em vez do confinamento em celas, a liberdade de expressão: esse o novo destino do doente mental.

Aqui no Brasil, e – lembremos – ainda na década de 1950, Nise da Silveira, ao fundar, no Rio de Janeiro, a Casa das Palmeiras, já intuía o paradigma que seria ditado na Europa com grande estardalhaço. Em regime de semi-internato, a Casa tinha o mesmo objetivo defendido pelo psiquiatra italiano, ou seja, tratar pacientes psiquiátricos fora dos manicômios. Reconheçamos, portanto: a psiquiatra brasileira antecipou-se pelo menos duas décadas a Franco Basaglia.

Ao tentar viabilizar uma forma de expressão para o doente mental, Nise da Silveira cedo percebeu que essa expressão não podia ser a verbal. Quantas vezes ela se detivera à escuta de discursos ininteligíveis saídos das bocas ansiosas dos internos. E, no entanto, constatava que não era por serem incapazes de usar a palavra que eles deixavam de sentir emoções. Não identificava o tão divulgado "embotamento afetivo" nos clientes, como optou por chamar aos doentes mentais. Pelo contrário, podiam revelar o mais delicado afeto aos animais que ela introduziu no hospital, com objetivo de atuarem como co-terapeutas, para espanto e descrença dos colegas. A vivência no hospício lhe revelava uma realidade diferente daquela que conhecia pelos livros.

Era preciso encontrar o seu caminho. Como, então, ter acesso ao mundo interno de seres tão atormentados? Ao se recusar definitivamente a adotar procedimentos violentos como o eletrochoque e o coma insulínico, por meio dos quais a integridade do doente era aviltada, dedicou-se à busca de um meio pelo qual o esquizofrênico pudesse se expressar, ainda que apenas parcialmente, em muitos casos.

Aliou-se a Fábio Sodré, então diretor da enfermaria do Hospital Pedro II, e, na tentativa de encontrar uma via de acesso ao mundo interno do cliente, criou as primeiras atividades de expressão em um modestíssimo ateliê de costura e bordado.

Em seguida, vieram os de pintura e modelagem. Cartolinas tomavam forma das emoções, telas e papéis se impregnavam dos conteúdos desordenados

de psiques dilaceradas. Estava fundado o Serviço de Terapêutica Ocupacional, onde, nos ateliês, os internos se expressavam livremente, deixando aos terapeutas a função de estabelecer conexões entre as imagens que emergem do inconsciente e a situação emocional de cada um.

“(…) É por meio dessas manifestações expressivas que nos é dado penetrar no mundo interior dos psicóticos, mundo tão pouco acessível às abordagens lógico-discursivas. O terapeuta que verdadeiramente deseja entrar em contato com seu doente terá de aprender a decifrar as imagens que ele pinta ou modela, terá de aprender a ler sua expressão corporal, a captar as veladas expressões de suas tentativas de comunicação.”

Com base nessa crença, Nise da Silveira deu vida, no Rio de Janeiro, à sua criação mais importante: o Museu de Imagens do Inconsciente, hoje reconhecido em todo o mundo. Inaugurado em 1952, numa pequena sala do Hospital Pedro II, no Engenho de Dentro, o museu nascia do processo embrionário firmado com a criação da Seção de Terapêutica Ocupacional, cinco anos antes.

As pinturas saíam dos ateliês direto para as paredes do museu vivo. E os estudos sobre as formas expressas prosseguiram entre os terapeutas, coordenados pela mestra. O objetivo era fazer da Seção de Terapêutica Ocupacional um campo de pesquisa onde se encontrasse fundamentação teórica para a sua prática. A Terapêutica era o caminho que Nise da Silveira buscava, não havia dúvida. Mas como implementá-la num momento em que a medicina se vangloriava do avanço representado pela psicocirurgia, e a força dos laboratórios se impunha com os psicotrópicos?

Sofreu permanentes ataques dos que não viam sentido nos rabiscos desconjuntados de doentes mentais ou dos que atribuíam a ela interesse em descobrir talentos novos. Sim, porque embora jamais fossem induzidos a fazer qualquer tipo de desenho, alguns desses clientes transformaram suas vivências internas, muitas vezes aterradoras, em imagens plasticamente belas. Dessa maneira, durante o processo terapêutico de expressão, surgiram verdadeiros artistas, cujas obras seriam reconhecidas pela crítica de arte especializada. Foram os casos de Raphael Domingues, Fernando Diniz e Emygdio de Barros, o último "talvez o único gênio da pintura brasileira", na opinião de Ferreira Gullar.

Lutando contra a corrente, ela partiu para Zurique, em 1957, onde se realizava o II Congresso Internacional de Psiquiatria, levando embaixo do braço a produção dos internos freqüentadores dos ateliês. Era o espírito de aventura que se unia ao científico. Naquela ocasião, ouviu atenta as observações do psicólogo suíço C. G. Jung sobre a mostra brasileira. Voltou ao Brasil segura de que estava no caminho certo. As imagens produzidas por esquizofrênicos – acreditava – tinham dupla função: representavam uma via de acesso à psique cindida; davam ao terapeuta elementos para que ele pudesse vislumbrar o mundo interno do cliente. Em segundo lugar – constatou ela – uma vez expressas, essas imagens eram despotencializadas de sua função desintegradora na psique. E afirmaria: "O trabalho no ateliê revela que a pintura não só proporciona esclarecimentos para compreensão

do processo psicótico mas constitui igualmente verdadeiro agente terapêutico."

Opondo-se à concepção rasa que vê na Terapêutica Ocupacional uma prática auxiliar e subalterna ou um mero preenchimento de tempo ocioso, ela buscou um legítimo método terapêutico que atuasse de acordo com a realidade individual do psicótico. Isolada, mas livre, seguiu adiante.

Livre também no modo despojado de viver, imprimiu esse estilo até mesmo na sua obra científica *Imagens do inconsciente*, publicado em 1981, livro que reúne seus fundamentos teóricos mais importantes e que constitui um marco na psiquiatria contemporânea. O refinamento de suas teses consiste sobretudo em mostrar a coragem de ser simples. Diz ela no capítulo intitulado "O afeto catalisador":

"(...) Qualquer um poderá observar que as tentativas de ordenação interna, bem como as simultâneas tentativas de volta ao mundo externo tornam-se mais firmes e duradouras se no ambiente onde vive o doente ele encontra o suporte do afeto."

As teorias, de modo geral, descrevem, em linguagem técnica, os sintomas e reações. O afeto, quando considerado, permanece no nível teórico. É material caro demais para ser levado em conta. A respeito disso, e consciente da interpretação errônea de que não raro são vítimas seus postulados, seja por absoluta incompreensão ou por tendência à simplificação banal, Nise da Silveira adverte, ainda em *Imagens*:

"(...) Nessa apologia do afeto, não sejamos demasiado ingênuos, pensando que será fácil satisfazer as grandes necessidades afetivas de seres que foram tão machucados e socialmente tão rejeitados."

Coragem teve ela ainda para transgredir as leis psiquiátricas, até então inquestionáveis. Quantas vezes recomendou aos estagiários que substituíssem os manuais de psiquiatria pela leitura da obra de Machado de Assis, em que encontrariam a alma humana estudada em espantosa profundidade.

Nunca foi complacente com os psiquiatras que insistiam no uso dos calmantes entorpecentes, para ela verdadeiras camisas-de-força químicas. Desmascarou os tão bem-falados efeitos dos psicotrópicos que, na sua opinião, servem muito mais ao enriquecimento dos laboratórios internacionais do que a um processo de reconstrução da psique. Constatou que os remédios apenas encurtam o período de permanência no hospital, mas não diminuem a frequência de internações. Não usou de meias palavras para responsabilizar os colegas pela falta de respeito ao doente, como ser humano. E pregou, com insistência, que o objetivo do tratamento psiquiátrico não podia mais continuar sendo a transitória remoção de sintomas.

Sua proposta continuava clara: reconhecer a complexidade das condições psíquicas que se afastam das ditas normais e proceder à investigação desses "diferentes estados do ser" como chamou Antonin Artaud ao processo de desintegração da psique. O método de investigação? O da terapêutica ocupacional, da qual ela nunca se afastaria e que lhe permitiu estudos de casos hoje clássicos da psiquiatria.

Se a perseverança, a terceira qualidade para se navegar contra a corrente, a manteve fiel à terapêutica ocupacional, conservou-a durante quarenta anos à frente do Grupo de Estudos C. G. Jung, fundado por ela em 1958, com reuniões regulares às quartas-feiras.

Foi ali que a conheci, quando em 1988 comecei a estudar a psicologia junguiana. Sentada à cabeceira de uma mesa retangular rodeada de bancos toscos, onde seus amados gatos circulavam com a gentileza própria de anfitriões, ela sequer perguntava o nome de quem estava presente. Um novo candidato ao Grupo abria a porta, entrava e sentava-se. Se quisesse, permanecia em silêncio e saía assim, deixando os presentes sem saber quem ali tinha estado. No entanto, nada escapava ao olho da mestra que, dessa maneira, fazia a seleção mais rigorosa: como nada é exigido de quem freqüentava a reunião, só permanecia ali quem tivesse, ou descobrisse, verdadeiro interesse no assunto. Não podia haver critério mais seletivo!

Privilegiada que fui por ter sido escolhida para ajudá-la na revisão de seus textos ou para colaborar fazendo pequenas traduções, ela abriu-me um mundo. Durante esse período em que atuei como sua colaboradora, vivi num "cativeiro feliz", expressão que usou o escritor argentino Alberto Manguel na sua deliciosa *A história da leitura*, referindo-se ao período em que lia em voz alta para Jorge Luís Borges, cego.

No cativeiro de Nise da Silveira não havia trégua. O estudo de Jung era contínuo, e a paixão com que ela se debruçava sobre a obra de Spinoza me encantava. O prazer com que estudava mitologia grega!

Muitas vezes interrompia o trabalho para contar um caso. Descontração de minutos e, em seguida, retornava naturalmente ao estudo, ao silêncio. Daí a mais uma hora, nova brincadeira, novo intervalo, e o espontâneo retorno ao livro. Era uma disciplina rigorosa, mas natural.

Certa vez, durante uma greve de ônibus em que os táxis não chegavam até Santa Teresa, onde moro, desci a pé até a sua casa, no Flamengo. E voltei a pé, sem ousar romper o compromisso.

Sua lendária bravura intimidava a muitos, enfureceu a outros tantos, e sobretudo tornou-a incômoda aos que placidamente aceitaram a imposição dos laboratórios em detrimento da dignidade do doente mental. Por sua luta, tornou-se uma "figura épica", nas palavras de Wilson Coutinho. Mesmo assim, seu trabalho no Brasil não tem tido o reconhecimento que merece, e enquanto esperamos que gerações futuras saibam honrá-la mais do que nós, continua valendo o alerta que, em certa ocasião, fez o nosso poeta Manuel Bandeira: "Somos assim: conhecemos e celebramos autores europeus de terceira e quarta ordem; relegamos ao esquecimento os gênios do nosso continente."

Das lembranças tão caras de nossa convivência, relato a seguir apenas uma que atesta a largueza de espírito dessa personalidade extraordinária:

Encerrávamos o trabalho no seu apartamento-biblioteca por volta das sete da noite. Em seguida, eu a acompanhava até o quarto andar e ali me despedia. Muitas vezes, porém, ela insistia em que eu ficasse para o jantar, refeição leve que, de modo geral, constava de uma sopa de arroz integral com legumes.

Certa noite em que aceitei o convite, sentamo-nos à mesa e esperávamos que a empregada nos servisse. Mas a moça tinha ciúmes da Doutora, como a chamávamos nós, os que lhe eram mais chegados. Eu não escapava à hostilidade da empregada e, apesar disso, lá estava, à espera do jantar.

Para a minha anfitriã, vi chegar o prato quentinho, o cheiro nos anunciando o sabor. Para mim, uma xícara de café com leite frio e um pãozinho, também frio, ligeiramente amanteigado. O café usado devia ser o que sobrara do almoço, pois era turvo e não tinha o aroma tão conhecido. A xícara estava fria.

A Doutora olhou atentamente para a refeição que me tinha sido destinada e, sem levantar o tom de voz, apenas muito pausada e serenamente dirigiu-se à empregada:

“Pode levar a minha sopa. Quero o mesmo que a Elvia.”

Falou com tal firmeza e superior dignidade que me deixou impedida de contestar sua ordem, ainda que eu me sentisse no dever de lhe lembrar a recomendação médica para a alimentação adequada aos seus oitenta e nove anos de idade, na ocasião. Constrangia-me aquela solidariedade torrencial; não me julgava merecedora.

A empregada, por razões naturalmente diversas das minhas, sentiu-se tão intimidada quanto eu e limitou-se a retirar o prato e trazer, conforme a ordem, mais um café com leite frio e um pãozinho magro de manteiga.

A contundência da atitude da Doutora me desnorteara. Eu já não sabia se me preocupava com sua saúde, se me envergonhava diante da nobreza de sua renúncia, ou se tudo – pensava – não passava de uma grande brincadeira. Misto de emoção, estranhamento, perplexidade.

Não dissemos uma palavra. Nos seus "bugalhos enormes", como chamou Graciliano Ramos aos seus grandes olhos, vi o clarão de uma firmeza incondicional, e no silêncio de nossa degustação franciscana, a cumplicidade mais farta que eu já experimentara.

Serena, ela me olhava com naturalidade. Nunca as palavras de Novalis me pareceram tão verdadeiras: *Manger en commun est l'acte symbolique de l'union.*

Antes de deixá-la, unimos demoradamente nossas faces e, ao me desprender do abraço, percebi que um sorriso leve se prolongava no canto de seu olho.

Jovem e ainda senhora do charme que Di Cavalcanti transpôs para a tela quando lhe pintou o retrato, Nise da Silveira morreu há um ano, em 30 de outubro de 1999, aos noventa e quatro anos, depois de profundo sofrimento que durou quase dois meses, período em que se manteve lúcida e digna como viveu.

Elvia Bezerra é colaboradora/redatora na Encyclopaedia Britannica do Brasil e autora de *A trinca do Curvelo: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira*. Rio de Janeiro, Topbooks, 1995.